



***GÊNERO E PODER NO SUBCAMPO ESPORTIVO DO XADREZ:
RELAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA E AS TITULAÇÕES DA FEDERAÇÃO
INTERNACIONAL DE XADREZ***

***GÉNERO Y PODER EN EL SUBCAMPO DEPORTIVO DEL AJEDREZ:
RELACIONES ENTRE LA GEOGRAFÍA Y LAS TITULACIONES DE LA
FEDERACIÓN INTERNACIONAL DEL AJEDREZ***

***GENDER AND POWER IN THE CHESS SPORTS SUBFIELD:
RELATIONS BETWEEN GEOGRAPHY AND INTERNATIONAL CHESS
FEDERATION TITLES***

Jéssica dos Anjos Januário¹

Taís Sandrim Julião²

Liziane Nathália Vicenzi³

Ana Vitória de Paula Rothebarth⁴

RESUMO

O estudo objetiva relacionar gênero com a distribuição geográfica e titulatória de membros filiados à Federação Internacional de Xadrez (FIDE). Tem caráter exploratório e documental, analisando o banco de dados primários desta instituição com enfoque relacional e multidimensional. Os resultados indicam um predomínio de 85% de homens frente a 15% de mulheres entre seus integrantes, com concentração de 41% no continente europeu. A outorga de títulos esportivos a jogadores e treinadores se distribuiu também hegemonicamente entre homens, com ínfimo aumento de mulheres em posições, entretanto, de menor hierarquia entre treinadores. Conclui-se por uma tônica de dominação masculina em todas relações analisadas, constituindo esta uma sólida regularidade com sequer exceções neste subcampo esportivo. Sugere-se que futuras

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil.

² Mestre em Relações Internacionais, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, Brasil.

³ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, Brasil.

⁴ Pós-Graduação *latu sensu* em Administração Industrial, Universidade de São Paulo - Fundação Carlos Alberto Vanzolini, São Paulo, Brasil.

pesquisas considerem outros aspectos para além da análise quantitativa, tais como os de ordem socioculturais das histórias de vida das pessoas que conformam tal hegemonia, interseccionando eixos outros de desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Xadrez. Gênero. Esporte. Desigualdade.

RESUMEN

El estudio relaciona género con la distribución geográfica y de titulación de los miembros de la Federación Internacional de Ajedrez (FIDE). Tiene carácter exploratorio y documental, analizando la base de datos primarios con un enfoque relacional y multidimensional. Los resultados apuntan el predominio de 85% de hombres frente al 15% de mujeres, con una concentración del 41% en el continente europeo. La concesión de títulos deportivos a jugadores y entrenadores también se distribuyó hegemónicamente entre los hombres, con un pequeño aumento de mujeres en puestos de menor jerarquía entre los entrenadores. Se concluye que hay una dominación masculina en todas las relaciones analizadas, planteando una sólida regularidad sin excepciones en este subcampo deportivo. Se sugiere que futuras investigaciones tengan en cuenta otros aspectos además del cuantitativo, tales como aquellos socioculturales de las historias de vida de las personas que configuran la hegemonía, cruzando otros ejes de desigualdades sociales.

PALABRAS-CLAVE: Ajedrez. Género. Deporte. Desigualdad.

ABSTRACT

This study aims to understand gender in relation to geography and chess titles distribution of members affiliated to the International Chess Federation (FIDE). This is an exploratory and documentary analysis, based on institution's database with a relational and multidimensional perspective. The results demonstrate a predominance of 85% of men compared to 15% of women, with a concentration of 41% on the European continent. The granting of sports titles to players and coaches was also distributed hegemomically among men, with a tiny increase in women participation in positions of lower hierarchy among coaches. The conclusions point out that there is a male dominance, which constitutes a solid regularity with no exceptions in this sports subfield. It is suggested that future research not only carry out a quantitative analysis, but also the sociocultural aspects involving the life stories of the people who shape this hegemony, intersecting other axes of social inequalities.

KEYWORDS: Chess. Gender. Sports. Inequality.

Introdução

O campo esportivo, sistema de agentes e instituições com interesses específicos relacionados às posições que ocupam, se conforma como um espaço cuja história, cronologia e distribuição de suas propriedades são relativamente autônomas à sociedade na qual está inserido (BOURDIEU, 1983). Isto posto, dialeticamente a constitui, por ela é constituído e, portanto, se faz enquanto um mecanismo constituinte. A genealogia de aparição de suas práticas, modalidades do polissêmico fenômeno sociocultural do esporte (MARQUES, 2015), trata do conhecimento a partir do qual uma atividade configura suas

próprias lutas e regras, engendrando e investindo toda uma cultura ou competência específica que são, a ela e ao campo sobre o qual pertence, parcialmente peculiares (BOURDIEU, 1983).

A classificação do que é ou não esporte não se refere, portanto, apenas a uma questão de mera definição acadêmica. Estão em jogo a arbitrariedade do contexto e o período que concorrem na sua formulação. Além disso, envolve a análise da trajetória estrutural de pertencimento de dada prática ao campo esportivo, itinerário este já percorrido enquanto esporte delineado pela modalidade do xadrez (SOUZA, 2010). Tal construção deste objeto de pesquisa, dotada de valores heurísticos e epistemológicos, possibilitou ao enxadrismo não só o postulado de vínculo ao espaço social de disputas do esporte, mas a própria arquitetura do subcampo esportivo do xadrez (SOUZA; STAREPRAVO; MARCHI JÚNIOR, 2011). Este ponto de partida, o qual permite compreender as transformações conjunturais e mercadológicas efetuadas na esfera da oferta e do consumo da prática enxadrística frente ao domínio esportivo, possibilitou caminhos para diversos estudos, sobretudo sociológicos, dedicados a diferentes caracterizações e delimitações empíricas inerentes ao universo que compõe este subespaço (JANUÁRIO, 2014, 2017; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b).

No que tange ao xadrez e ao seu subcampo esportivo, a propósito de sua relação com o campo social do esporte – sendo ambos os fenômenos, por excelência e por sua vez, educacionais e formativos (JANUÁRIO; MARQUES, 2016; PAES; BALBINO, 2005) – faz-se necessário a investigação de suas lutas e respectivas formas de manifestação neste espaço. Dentre as disputas que ambos compartilham está aquela referente à posição entre dominantes e dominados(as), os(as) quais concorrem por bens próprios à circulação dos trunfos em jogo nestas esferas, buscando a ortodoxa conservação ou a herética transformação de suas estruturas. Em meio a esta relação de dominação de posições, a qual é passível de assumir diferentes formas de acordo com o enfoque a ser evidenciado, está aquela que se atina ao gênero, envolvendo questões preponderantemente mas não apenas, acerca do certame entre homens e mulheres. Hegemonia, esta, no esporte (BOURDIEU, 2012) e no xadrez (STEMPIENÍ, 2020) maioritariamente masculina.

Relevante característica de toda prática que pertence ao campo esportivo contemporâneo (MARQUES, 2015), a atividade enxadrística, assim como as demais,

também possui um órgão regulador que orienta e controla a existência de informações e regras sistematizadas a seu respeito, a saber, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE)⁵. A entidade conta com um banco de dados disponível em seu endereço eletrônico⁶ no qual é possível realizar consultas não só sobre o gênero de seus membros, mas também dos países a que representam, títulos outorgados, pontuações conquistadas no ranqueamento oficial da modalidade, ano de nascimento, natureza ativa e inativa do cadastro, dentre outras possibilidades. Há vias de se relacionar, ademais, intersecções entre cada um destes elementos, com filtros que possibilitam o exame individual ou coletivo entre eles.

Compreendendo a interseccionalidade enquanto perspectiva importante nos estudos que se referem às desigualdades sociais, em especial a de gênero (SILVA; MENEZES, 2020), e a possibilidade de analisá-la de forma a contemplar os países e os títulos honoríficos esportivos distribuídos entre homens e mulheres no núcleo federativo do subcampo esportivo do xadrez, elegendo-os uns aos outros de um ponto de vista relacional e multidimensional (BOURDIEU, 2004), emerge a questão central do presente estudo: como se relaciona o gênero dos membros filiados à Federação Internacional de Xadrez (FIDE) com os aspectos geográficos e titulatórios do subcampo esportivo do xadrez?

Objetivo

Relacionar o gênero dos afiliados e afiliadas da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) com elementos de ordem geográfica e titulatória da modalidade.

Procedimentos Metodológicos

Em relação aos objetivos, esta pesquisa possui caráter exploratório tendo em vista a construção dos saberes de uma temática pouco conhecida, a qual se encontra em fase preliminar de investigação dos dados presentes no repositório eletrônico da federação que rege internacionalmente o xadrez. Sua finalidade, portanto, é proporcionar maiores informações sobre eles de modo relacional e multidimensional. No tocante aos procedimentos, se caracteriza como um estudo documental baseado em fonte primária de

⁵ Na língua francesa, origem desta instituição, é o acrônimo de *Fédération Internationale des Échecs* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

⁶ Para mais detalhes, acessar: <<https://ratings.fide.com/>> (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

informações, a qual é composta pela lista do mês de setembro de 2023 do banco de dados da FIDE.

O seu exame contou com etapas de pré-análise, organização do material e análise dos dados. A primeira consistiu em identificar os filtros possíveis de serem explorados, elegendo aqueles referentes ao gênero como categoria central, e aos de país e titulação dos membros da federação como elementos relacionais do objetivo desta pesquisa. Já a segunda foi percorrida por meio da ordenação da quantidade de homens e mulheres de cada um dos 200 países e 1 elemento⁷ associados da instituição, bem como da outorga de títulos esportivos distribuídos a jogadores e treinadores da modalidade. A terceira e última fase correspondeu ao tratamento destes dados, sendo o número de homens e mulheres expresso por percentil, os países classificados entre seus continentes⁸, e, finalmente, a sua dimensão total pela somatória destes valores.

Revisão de literatura: intersecções entre gênero e xadrez

As questões de sexo e gênero⁹ que perpassam a modalidade de xadrez têm sido objeto de investigação em diversos campos do conhecimento, entre os quais se destacam a Psicologia e a Economia. Nota-se o uso proeminente do sexo como conceito-chave, ainda que, por vezes, o mesmo apareça associado ao conceito de gênero. Duas leituras são possíveis sobre esse fenômeno: a primeira sugere a ênfase nos aspectos biológicos em detrimento aos de ordem social, eventualmente vinculada aos supracitados campos de pesquisa no qual esses estudos são desenvolvidos. A segunda, por sua vez, se relaciona a primeira, na medida em que indicaria uma compreensão e uso parcial do conceito de gênero nos moldes da literatura produzida em outros campos de investigação, no qual este é problematizado a partir de abordagens sociais, políticas e culturais. Cientes da necessidade de olhar crítico sobre a literatura especializada, optou-se por manter a forma e a utilização dos conceitos de sexo e gênero tal qual apresentados nos estudos em revisão. Nas palavras de Hirata et al. (2009, p. 223-224):

⁷ Trata-se da representação da bandeira da FIDE, composta por pessoas de diversos continentes que não se afiliam a nenhuma federação nacional (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

⁸ A classificação por continentes não é disponibilizada pela FIDE. Assim, conduziu-se uma busca individual para cada um a fim de identificar seus respectivos pertencimentos continentais. Para países cuja extensão ocorre em mais de um continente, considerou-se como critério a localização de sua maior área territorial.

⁹ “De modo geral, opomos o sexo, que é biológico, ao gênero [...], que é social.” (HIRATA et al., 2009, p. 222).

[...] a extensão para a quase totalidade da experiência humana daquilo que é apenas uma diferenciação funcional em uma área leva a maioria dos seres humanos a pensar em termos de diferença entre os sexos como uma divisão ontológica irreduzível em que sexo e gênero coincidem e cada um deles é exclusivo em relação ao outro. Mas a gramática do gênero, ideal e factual, ultrapassa por vezes a “evidência” biológica da bicategorização – aliás, ela própria problemática – conforme o demonstram a complexidade dos mecanismos de determinação do sexo [...] e os estados intersexuais. Algumas sociedades, mas não as ocidentais modernas, e alguns fenômenos marginais das nossas sociedades modernas mostraram que definições de sexo e gênero, assim como as fronteiras entre sexos e/ou entre gêneros, não são tão claras.

Foi identificada uma tendência comum de problematização sobre a acentuada presença de homens em detrimento de mulheres no subcampo esportivo do xadrez (BACKUS *et al.*, 2023; BILALIĆ *et al.*, 2009; BLANCH; ALUJA; CORDANÓ, 2015; CHABRIS; CLICKMAN, 2006; DI FELICE, 2018; DILMAGHANI, 2021; HOWARD, 2005, 2013 e 2014; MAASS; D’ETTOLE; CADINU, 2008; SMERDON, 2019; STTAFORD, 2018; VISHKIN, 2022). A desagregação estatística por sexo e/ou gênero presente nos supracitados estudos cumprem um papel relevante para visibilizar um importante componente, ainda que não único, nas discussões sobre gênero e xadrez, a saber, os números da desigualdade entre homens e mulheres na modalidade. Esta abordagem de visibilização de dados, de acordo com Perez (2019), seria fundamental para revelar dinâmicas próprias quanto à identificação, quantificação e avaliação destas diferenças em campos diversos.

As investigações dedicadas a compreender a dinâmica de gênero no campo enxadrístico utilizam, em sua maioria, um critério analítico em comum, quer seja, o *rating* ELO. Inicialmente proposto por Arpad Elo como instrumento de mensuração da *performance* competitiva no âmbito da Federação de Xadrez dos Estados Unidos entre os anos de 1960 e 1970, a sua adoção se deu oficialmente em 1971 como referência pela FIDE (DI FELICE, 2018). Sua concepção se baseia em uma fórmula matemática de aferição do desempenho no xadrez, a qual indica a probabilidade de um(a) jogador(a) vencer, empatar ou perder diante de um(a) adversário(a) de menor, igual ou maior *rating* ELO. Este índice é atualizado à medida que o(a) enxadrista participa de competições oficiais, isto é, outorgadas pelo órgão internacional que rege a modalidade (ELO, 1978).

Em três diferentes pesquisas, Howard (2005, 2013 e 2014) buscou analisar o predomínio de homens na cena esportiva internacional do xadrez. Segundo o autor, a modalidade seria um adequado objeto de pesquisa sobre o desempenho diferenciado dos sexos em âmbitos predominantemente intelectuais, considerando a discussão central

sobre a incidência de fatores inatos e sociais nesta prática. Isto porque, no xadrez, seria possível observar três características relevantes que atenderiam aos pressupostos destas investigações: a) a existência de um sistema meritocrático; b) um instrumento objetivo de aferição da *performance*, a saber, o *rating* ELO; e c) uma ampla base de dados acessível. Partindo de estudos estatísticos variados com base na evolução do *rating* ELO de enxadristas homens e mulheres, este autor sugere que, ainda que seja possível identificar avanços sociais no que tange ao desempenho de mulheres em áreas maioritariamente intelectuais, estes ainda não se verificam no subcampo esportivo do xadrez, permanecendo nele o domínio masculino em todos os níveis competitivos. Diante deste cenário, Howard (2005, 2013 e 2014) sustenta que haveria algum componente relacionado às habilidades inatas na prática do esporte que explicaria esta diferença, já que os fatores sociais não seriam suficientes para compreender a dinâmica evidenciada pelos dados.

Tal como ele, outros autores utilizaram o índice do *rating* ELO como base de dados, delineando diferentes conclusões. Chabris e Glickman (2006) processaram informações acerca do *rating* ELO de 250.000 jogadores(as) pertencentes à Federação de Xadrez dos Estados Unidos ao longo de 1992 a 2004. Os resultados indicaram o domínio masculino em todos os níveis competitivos da modalidade, além de uma ainda maior representação de homens na cena esportiva de alto rendimento, vislumbrada por maiores pontuações de *rating* ELO. Desta forma, concluem que o cerne do problema estaria nos índices de participação, os quais são menores entre mulheres e maiores entre homens. Tais resultados estariam relacionados, para eles, a uma maior quantidade de meninos que adentram o universo do xadrez como iniciantes, o que amplia tanto o aspecto quantitativo de base, quanto também de *performance*.

Já o trabalho de Bilalić *et al.* (2009) traz uma crítica aos modelos estatísticos utilizados para a elaboração de estudos sobre o desempenho de homens e mulheres no subcampo esportivo do xadrez. De acordo com os pesquisadores, considerando a substantiva diferença no quantitativo global de enxadristas de ambos os sexos, a tendência seria que os indicadores apontassem para um predomínio de homens na modalidade. Reconhecendo a relevância do instrumento do *rating* ELO como recurso objetivo para a pesquisa, elaborou-se outra proposta investigativa a fim de corrigir os eventuais desvios conclusivos encontrados em trabalhos anteriores, utilizando como referência dados pertencentes apenas a enxadristas alemães. As conclusões encontradas abordaram a

prevalência de fatores não-inatos nas diferentes *performances* do xadrez, as quais apresentam o índice de participação como especial fator que interfere nos resultados. Desta forma, estes achados estabelecem conexão com a pesquisa de Chabris e Clickman (2006), contrapondo Howard (2005, 2013 e 2014).

Em abordagem mais específica, Blanch, Aluja e Cordanó (2015) dedicaram-se a avaliar as diferenças de *rating* ELO entre enxadristas de diferentes sexos à luz de estudos como os de Chabris e Clickman (2006) e Howard (2005, 2013 e 2014). Para eles, o problema se fundamenta no debate entre as distintas conclusões encontradas pelos autores, a saber, a incidência de fatores de ordem biológica *versus* os índices de participação de homens e mulheres. Portanto, os pesquisadores analisaram dados de seis torneios de xadrez com ênfase em dois fatores que seriam a eles intervenientes: a idade, motor biológico e a prática, elemento social. As conclusões revelaram que ao relacionar idade e prática, a predição da diferença de *rating* ELO entre os sexos seria válida apenas para mulheres, mas não para homens. Sendo assim, a hipótese é de que fatores de ordem inata, tais quais aqueles tratados por Howard (2005, 2013 e 2014), poderiam explicar a diferença de *performance* para além das questões de maior representação na modalidade.

Explorando a relação de estereótipos¹⁰ de gênero neste contexto, Maass, D'ettola e Cadinu (2008) propõem uma discussão sobre os impactos que os papéis esperados por homens e mulheres desempenhariam na explicação da baixa participação delas e, principalmente, de sua menor *performance*. Seus objetivos envolviam problematizar aspectos mencionados na literatura como possíveis causas da tímida presença de mulheres no subcampo esportivo do xadrez, as quais poderiam ser tanto de ordem biológica e cognitiva, portanto inatas, quanto sociais. Em um teste envolvendo 42 duplas de jogadores(as) de ambos os sexos, empareadas de acordo com seus respectivos níveis enxadrísticos, os autores realizaram partidas no ambiente *online* em três formatos, a saber: a) com identidade de gênero anônima; b) com a mesma de forma falsa; e c) com ela de maneira conhecida. Entre os resultados, chama a atenção aqueles que envolvem a questão concreta dos efeitos dos estereótipos de gênero. As conclusões apontaram que, ao desconhecer o sexo do(a) adversário(a), as mulheres tiveram um desempenho semelhante ao dos homens. No entanto, quando os jogos ocorreram com o conhecimento prévio da identidade de gênero do(a) oponente, as mulheres apresentaram uma queda de

¹⁰ Os investigadores basearam-se na referência de Shahade (2005, p. 6), a qual argumenta que “a categoria do xadrez feminino não se refere a alguma maneira intrinsecamente feminina de jogar xadrez, mas sim a ser esta uma minoria no universo enxadrístico, o que pode afetar a forma como uma mulher joga”.

performance nas partidas disputadas contra homens. Nesta mesma linha de pensamento, quando mulheres enfrentaram enxadristas falsamente identificados como mulheres, seu desempenho se manteve estável, ao passo que mantiveram o mesmo padrão de queda de resultados nos confrontos contra supostos homens (MAASS; D'ETTOLE; CADINU, 2008). Assim, ao realizarem uma série de questões envolvendo as avaliações e impressões sobre como homens e mulheres jogam xadrez às pessoas que participaram da pesquisa, este estudo apontou que os estereótipos de gênero são bastante significativos no xadrez, sendo ambos os sexos conscientes desta dinâmica.

Em continuidade desta seara, Stafford (2018) se dedicou a compreender o alcance das questões de gênero no subcampo esportivo do xadrez a partir do conceito de ameaça de estereótipo. Segundo o autor, tal conceito é utilizado amplamente na literatura para analisar a diferença de desempenho entre homens e mulheres em atividades que envolvem predominantemente as funções cognitivas, considerando pendentes algumas indagações relativas ao grau de confiança e generalidade destes fenômenos. Ao mencionar o estudo experimental de Maass, D'ettole e Cadinu (2008) dez anos depois, Stafford (2018) critica a amplitude dos resultados encontrados, afirmando ser necessário expandir tais investigações de modo a incluir outros indicadores como, por exemplo, faixas de idade variadas em níveis de alta *performance* da modalidade. A partir desta crítica, com o objetivo de avaliar o desempenho de enxadristas homens e mulheres em um contexto real de competição e não em um lugar de teste simulado, a sua pesquisa analisa uma base de 9.662.202 milhões de partidas de xadrez jogadas em torneios oficiais da FIDE entre janeiro de 2008 e agosto de 2015. Seus achados sugerem que, ao contrário das conclusões de estudos anteriores já citados, o efeito do estereótipo de gênero não afeta as mulheres no âmbito de partidas oficiais disputadas pela FIDE, sendo que estas apresentariam, inclusive, uma melhora de *performance* quando enfrentam homens em situações reais de jogo. De todo modo, o autor salienta que persiste a questão sobre as diferenças entre homens e mulheres no subcampo esportivo do xadrez, com razões possivelmente sistêmicas e ainda não esclarecidas.

Em estudo recente, Backus *et al.* (2023) se dedicaram a conhecer o ambiente enxadrístico com ênfase nas questões de gênero, uma vez reconhecido o domínio masculino existente nesta esfera. Para isso, com o objetivo de examinar a lacuna de *performance* entre mulheres em comparação com os homens, avaliaram um total de 10.000 partidas de enxadristas de ambos os sexos com experiência prévia em torneios, ou

seja, vinculados e ranqueados à FIDE. Os resultados indicaram que as mulheres apresentam um pior desempenho em relação aos homens, em especial quando as partidas ocorrem em formato misto. Além disso, chama a atenção o maior índice de erros por parte delas (11%) quando em disputa neste formato. Os autores sugerem que este problema pode estar vinculado às crenças de jogadores envolvidos sobre certo consenso acerca da menor habilidade enxadrística de mulheres baseada em estereótipos de gênero, fato que a literatura indica como eventual causa desta diferença de *performance* (STAFFORD, 2018). Outro ponto a ser destacado é a duração das partidas entre homens e mulheres, nas quais se identificou um maior nível de persistência em posições avaliadas como perdidas por parte dos primeiros ao enfrentarem as segundas. Deste modo, o grupo de pesquisadores considera que o comportamento de ambos os sexos se vê afetado pela composição de gênero nos enfrentamentos esportivos do xadrez, ainda que de formas distintas entre os sexos.

À guisa de conclusão, os últimos estudos revisitados foram os de Smerdon (2019), Dilmaghani (2021) e Vishkin (2022), os quais centram suas problemáticas na relação entre índices de igualdade de gênero entre países de acordo com determinadas instituições internacionais e a sua relação com a participação de mulheres no subcampo esportivo do xadrez. Todos eles abordam uma proposta, assim, de um espaço de discussão distinto daqueles levados em consideração pelas pesquisas anteriormente mencionadas (BACKUS *et al.*, 2023; BILALIĆ *et al.*, 2009; BLANCH; ALUJA; CORDANÓ, 2015; CHABRIS; GLICKMAN, 2006; HOWARD, 2005, 2013 e 2014; MAASS; D'ETTOLE; CADINU, 2008; STTAFORD, 2018).

Em sua página eletrônica pessoal, Smerdon (2019) publicou um ensaio sobre o que denominou de melhores e piores países do mundo para ser uma enxadrista mulher. O autor, que tem uma incursão dedicada a compreender a cena feminina esportiva do xadrez em outros trabalhos acadêmicos e em nível institucional da modalidade¹¹, realizou um estudo a partir de dados de homens e mulheres cadastrados e com *rating* ELO ativo na FIDE, distinguindo-os por países, entre os anos de 1999 a 2015. Ao cotejar a proporção entre ambos os sexos na instituição com o *ranking* de igualdade de gênero divulgado pelo

¹¹ David Smerdon possui os títulos de Grande Mestre (GM) de xadrez e de doutor na área de Economia, sendo atualmente vinculado à *The University of Queensland*, na Austrália. Integra a Comissão de Mulheres no Xadrez da FIDE desde 2022. Em 2020, publicou um texto sobre o estudo de Sttaford (2018), já mencionado, no qual sujeita os dados deste autor a uma análise do tipo multiverso, revelando distorções nos resultados e, portanto, nas conclusões sobre o efeito reverso do estereótipo no âmbito de enxadristas mulheres de alto *rating* ELO (SMERDON *et al.*, 2020).

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), seu objetivo foi identificar possíveis padrões de convergências e divergências entre estes fatores. Os resultados delineados indicaram que não há coincidência entre os países com melhores posições no *ranking* de igualdade de gênero e aqueles com maiores níveis de participação de mulheres, ou seja, com proporção mais alta entre homens e mulheres envolvidos competitivamente com a modalidade. A partir destes dados, o pesquisador também cruzou a proporção de participação feminina com o fator da idade, buscando compreender em que medida estas diferenças entre os sexos estariam distribuídas ao longo do tempo. As conclusões sugerem que, tanto nos países com melhores índices de igualdade de gênero quanto naqueles melhores ranqueados em termos da presença de mulheres na comunidade esportiva do xadrez, existe uma evidente concentração de mulheres no perfil jovem, isto é, de até 20 anos. A partir desta faixa, o decréscimo da participação feminina é notável em todos os países, indicando que as iniciativas de promoção deste esporte entre a juventude estariam produzindo os efeitos desejáveis, mas carecendo de ações institucionais estratégicas que incentivem a manutenção da prática do xadrez também a longo prazo. Por fim, curiosamente e além disso, o autor encontrou uma alta participação enxadrística de mulheres em países parcamente ranqueados em termos de igualdade de gênero, o que revela, nas palavras de Smerdon (2019, não paginado), que “quanto mais igualitário em termos de gênero um país é, menos mulheres querem jogar xadrez”.

Já em pesquisa envolvendo informações de jogadores(as) com registro na FIDE entre 2012 e 2018, Dilmaghani (2021) reuniu um acumulado de 1.551.866 milhões de dados em sua análise estatística, explorando-os à luz de determinados fatores, tais como: a) países do antigo bloco soviético; b) países da União Europeia; c) países do bloco da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); d) países com nenhum(a) jogador(a) acima dos 2.000 pontos de *rating* ELO; e) países com nenhuma jogadora acima dos 1.400 pontos de *rating* ELO. Com esta perspectiva de análise, confirmou a lacuna entre mulheres e homens na modalidade enxadrística, com destaque para a conclusão de que tal diferença seria menos proeminente nos países impactados historicamente pelo modelo econômico e político socialista. E, isto, tanto entre

enxadristas de menor *rating* ELO quanto entre aqueles(as) com títulos absolutos e femininos¹² conferidos pela FIDE.

Por fim, ao utilizar como referência o conceito de paradoxo da igualdade de gênero¹³, Vishkin (2022) investigou a presença deste fenômeno no âmbito da modalidade enxadrística considerando uma base de dados do mês de dezembro de 2020 da FIDE com 803.485 enxadristas ativos(as)¹⁴ em 160 países. Deste total, 15,7% representaram mulheres e apenas 1,2% possuíam *rating* ELO compatível com alguma titulação enxadrística. No que tange ao índice de igualdade de gênero, foram confrontados dados do PNUD e do Índice Global de Disparidade de Gênero do ano de 2019, sendo este último publicado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial. Os achados desta pesquisa apontaram conclusões semelhantes às de Smerdon (2019), nas quais se observou a maior presença de mulheres em locais com menores índices de igualdade de gênero e sua concentração na faixa etária jovem. Este trabalho confirma, assim, a inclusão do xadrez como um domínio de competição maioritariamente intelectual afetado por essa dinâmica paradoxal de gênero.

Em síntese, os estudos revisados revelaram preocupações com possíveis razões para a presença reduzida de mulheres no âmbito do xadrez. Chama a atenção o uso recorrente de modelos de análise nos quais as informações disponíveis na FIDE cumprem um papel central, em particular àquelas relacionadas ao *rating* ELO. Sendo assim, parece necessário, como apontam Smerdon *et al.* (2020), aprofundar discussões sobre este indicador e como a sua ampla adesão em pesquisas impacta em suas conclusões. Como já mencionado, outro ponto seria a concentração de estudos envolvendo o tema nas áreas da Economia e da Psicologia, bem como da problemática envolvendo os usos conceituais de sexo e gênero. Por um lado, isto aponta para a necessidade de uma abordagem interdisciplinar de pesquisa e, por outro, indica o potencial de desenvolvimento de

¹² No xadrez, diferentemente da maioria das modalidades pertencentes ao campo esportivo, as categorias versam entre absoluto e feminino. A primeira é destinada a homens e mulheres, enquanto a segunda apenas a elas (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

¹³ De acordo com Vishkin (2022, p. 276), “o paradoxo da igualdade de gênero se refere à intrigante descoberta de que sociedades com maior igualdade de gênero demonstram maiores diferenças também de gênero ao longo de uma série de fenômenos, mais notadamente na proporção de mulheres que prosseguem em seus graus acadêmicos nas grandes áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática”.

¹⁴ A inatividade de um(a) jogador(a) implica na ausência de participação em competições oficiais válidas para o cálculo de *rating* ELO movimentado pela FIDE por dois anos consecutivos. Ao competir em um torneio válido, automaticamente o(a) jogador(a) passa a ser considerado(a) ativo(a), independentemente dos resultados obtidos na ocasião (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

perspectivas destas distintas a partir de outros campos de conhecimento, os quais podem contribuir com enfoques inovadores sobre o problema.

Resultados e Discussão

Dois eixos de análise se originaram da investigação dos dados, a saber: “a) A federação em gênero e números: um olhar relacional entre seus membros” e “b) Posições pelos títulos: honrarias entre jogadores e treinadores de xadrez”. Ambos são, a seguir, detalhadamente descritos e reflexivamente discutidos a partir do cotejo com a literatura.

a) A federação em gênero e número: um olhar relacional entre seus membros

Dados oriundos da FIDE demonstram um total de 1.311.435 milhões de pessoas pelas quais se há registro, entre membros ativos e inativos, em todo o mundo nesta modalidade esportiva. Destas, ponderando uma divisão por continentes, tem-se que 536.838 (41%) são da Europa, 515.118 (39%) da Ásia, 165.767 (13%) da América, 73.932 (6%) da África, 10.686 (1%) da Oceania e 9.094 (1%) de localidades em que esta categorização não se aplica, visto serem indivíduos que não possuem cadastro em nenhuma federação nacional. Em estimativa que se refere à distribuição de gênero, 1.112.982 (85%) do total destas pessoas são homens e, em contrapartida, 198.553 (15%) são mulheres. Na intersecção entre estas duas segmentações, quer seja, a de localidade e a de gênero, é possível aferir que o continente asiático é aquele que contém maior proporção feminina na relação entre 93.282 (18%) mulheres para 421.836 (82%) homens, seguido pelo africano com 11.753 (16%) mulheres e 62.179 (84%) homens, pelo americano com 25.492 (15%) mulheres e 140.275 (85%) homens, pelo europeu com 66.106 (12%) mulheres e 470.732 (88%) homens, pelo oceânico com 1.208 (11%) mulheres e 9.478 (89%) homens e, por fim, 612 (7%) mulheres e 8.482 (93%) cuja ausência de estabelecimento de vínculo com alguma federação nacional não permite classificações continentais. A síntese da disposição da quantidade e da porcentagem de cadastros na FIDE por gênero é, a seguir, apresentada (Tabela 1):

Tabela 1 – Disposição da quantidade e porcentagem de cadastros na Federação Internacional de Xadrez (FIDE) por gênero e por localidade

Continente	Quantidade		Total	Porcentagem	
	Mulheres	Homens		Mulheres	Homens
África	11.753	62.179	73.932 (6%)	16%	84%

América	25.492	140.275	165.767 (13%)	15%	85%
Ásia	93.282	421.836	515.118 (39%)	18%	82%
Europa	66.106	470.732	536.838 (41%)	12%	88%
Não se aplica	612	8.482	9.094 (1%)	7%	93%
Oceania	1.208	9.478	10.686 (1%)	11%	89%
Total	198.453	1.112.982	1.311.435 (100%)	15%	85%

Fonte: elaboração própria

Em imersão a cada um destes continentes, quando se amplia a lente de análise para cada um de seus respectivos países, é possível transitar entre generalidades e especificidades. No que tange ao continente de maior expressão em termos de cadastros no órgão máximo que simboliza a modalidade em âmbito internacional, a Europa (41%), são países que quantitativamente mais a representam: a França com 92.741 membros, sendo 13.821 (15%) mulheres e 78.920 (85%) homens; a Espanha com 69.341 filiados, sendo 7.025 (10%) mulheres e 62.316 (90%) homens; e a Alemanha com 46.326 associados, sendo 3.942 (9%) mulheres e 42.384 (91%) homens. No que diz respeito à relação entre gêneros, Liechtenstein é a nação em que há maior equidade, com 13 (30%) mulheres e 31 (70%) homens, enquanto Ilha de Man é aquela com maior disparidade, com 21 (100%) homens.

Já na Ásia (39%), segundo território mais significativo em termos de população contribuinte à federação internacional enxadrística, há destaque numérico para os países: Índia, com 129.178 membros, sendo 21.615 (17%) mulheres e 107.563 (83%) homens; Rússia, com 117.573 filiados, sendo 21.843 (19%) mulheres e 95.730 (81%) homens; e Irã, com 60.014 associados, sendo 8.002 (13%) mulheres e 52.012 (87%) homens. No que concerne ao gênero, Mongólia é a nação de maior equidade, com 999 (39%) mulheres e 1.594 (61%) homens, ao passo que o Afeganistão possui maior disparidade, com 15 (4%) mulheres e 399 (96%) homens.

A terceira região mais relevante na somatória contribuinte para a comunidade enxadrística federada mundial é a América, na qual se evidenciam as nações: Brasil, com 25.073 membros, sendo 4.390 (18%) mulheres e 20.683 (82%) homens; Estados Unidos, com 24.335 filiados, sendo 2.049 (8%) mulheres e 22.286 (92%) homens; e Argentina, com 13.591 associados, sendo 903 (7%) mulheres e 12.688 (93%) homens. No tocante à relação de gêneros, Ilhas Virgens Britânicas é o país em que há maior equidade, com 4 (40%) mulheres e 6 (60%) homens, à medida que a Argentina tem maior disparidade, com 903 (7%) mulheres e 12.688 (93%) homens.

A África, por sua vez, é a área com a quarta maior significância em relação ao montante total da coletividade composta por pessoas federadas à instituição que rege o xadrez na esfera internacional, sendo seus países expoentes: o Egito, com 15.311 membros, sendo 1.342 (9%) mulheres e 13.969 (91%) homens; a África do Sul, com 8.059 filiados, sendo 1.650 (20%) mulheres e 6.409 (80%) homens; e a Algéria, com 6.143 associados, sendo 928 (15%) mulheres e 5.215 (85%) homens. No que corresponde ao gênero, Seychelles é a nação com maior equidade, com 34 (44%) mulheres e 44 (56%) homens, enquanto Sudão do Sul apresenta maior disparidade, com 9 (2%) mulheres e 489 (98%) homens.

Quinto e último continente a compor a federação internacional enxadrística em termos da proeminência quantitativa em que é nela representada, a Oceania se destaca pelos seguintes países: Austrália, com 7.026 membros, sendo 632 (9%) mulheres e 6.394 (91%) homens; Nova Zelândia, com 2.400 filiados, sendo 322 (13%) mulheres e 2.078 (87%) homens; e Fiji, com 395 associados, sendo 79 (20%) mulheres e 316 (80%) homens. Sobre a relação de gêneros, Palau é o país que demonstra maior equidade, com 81 (30%) mulheres e 186 (70%) homens, ao passo que Papua-Nova Guiné demonstra disparidade maior, com 1 (5%) mulher e 21 (95%) homens.

Por fim, o estandarte da própria FIDE, o qual não se traduz em um continente, é o que possui menor representatividade dentre o conjunto de pessoas internacionalmente federadas ao xadrez. Como anteriormente mencionado, em seu interior, não há distinção entre países e, portanto, o que se pode apontar sobre este aglomerado se restringe à totalidade de dados brutos em relação aos seus membros, os quais figuram entre um total de 9.094, bem como acerca de sua composição sobre o gênero, a qual é de 612 (7%) mulheres e 8.482 (94%) homens.

A visão geral dos dados entre a dialética macroestrutural dos continentes e microestrutural dos países, no que se refere à quantidade e porcentagem da distribuição de membros federados por gênero, é mais adequadamente apreciada abaixo (Tabela 2):

Tabela 2 – Relação entre a quantidade e porcentagem de pessoas internacionalmente federadas no xadrez por continentes, países e gênero

N	Continente	País	Quantidade		Total	Porcentagem	
			Mulheres	Homens		Mulheres	Homens
			1	África		África do Sul	1.650
2	África	Algéria	928	5.215	6.143	15%	85%

3	África	Angola	207	1.664	1.871	11%	89%
4	África	Botsuana	502	2.269	2.771	18%	82%
5	África	Burkina Faso	4	42	46	9%	91%
6	África	Burundi	19	44	63	30%	70%
7	África	Cabo Verde	25	233	258	10%	90%
8	África	Camarões	43	148	191	23%	77%
9	África	Chade	1	16	17	6%	94%
10	África	Costa do Marfim	80	440	520	15%	85%
11	África	Djibouti	24	105	129	19%	81%
12	África	Egito	1.342	13.969	15.311	9%	91%
13	África	Eritreia	38	134	172	22%	78%
14	África	Essuatíni	47	228	275	17%	83%
15	África	Etiópia	216	823	1.039	21%	79%
16	África	Gabão	31	88	119	26%	74%
17	África	Gâmbia	10	58	68	15%	85%
18	África	Gana	46	303	349	13%	87%
19	África	Guiné Equatorial	21	43	64	33%	67%
20	África	Ilhas Comores	12	31	43	28%	72%
21	África	Ilhas Maurício	16	46	62	26%	74%
22	África	Lesoto	57	339	396	14%	86%
23	África	Libéria	31	260	291	11%	89%
24	África	Líbia	63	1.808	1.871	3%	97%
25	África	Madagascar	148	779	927	16%	84%
26	África	Malawi	146	858	1.004	15%	85%
27	África	Mali	36	100	136	26%	74%
28	África	Marrocos	721	4.014	4.735	15%	85%
29	África	Mauritânia	120	664	784	15%	85%
30	África	Moçambique	155	465	620	25%	75%
31	África	Namíbia	315	829	1.144	28%	72%
32	África	Níger	8	45	53	15%	85%
33	África	Nigéria	637	2.715	3.352	19%	81%
34	África	Quênia	1.021	3.309	4.330	24%	76%
35	África	República Centro-Africana	14	81	95	15%	85%
36	África	República Democrática do Congo	19	78	97	20%	80%
37	África	Ruanda	42	147	189	22%	78%
38	África	São Tomé e Príncipe	26	142	168	15%	85%
39	África	Senegal	19	165	184	10%	90%
40	África	Serra Leoa	8	48	56	14%	86%

41	África	Seychelles	34	44	78	44%	56%
42	África	Somália	17	129	146	12%	88%
43	África	Sudão	152	1.504	1.656	9%	91%
44	África	Sudão do Sul	9	489	498	2%	98%
45	África	Tanzânia	44	183	227	19%	81%
46	África	Togo	134	401	535	25%	75%
47	África	Tunísia	692	4.168	4.860	14%	86%
48	África	Uganda	994	2.434	3.428	29%	71%
49	África	Zâmbia	448	2.396	2.844	16%	84%
50	África	Zimbábue	381	1.277	1.658	23%	77%
51	América	Antígua e Barbuda	16	36	52	31%	69%
52	América	Antilhas Neerlandesas	55	213	268	21%	79%
53	América	Argentina	903	12.688	13.591	7%	93%
54	América	Aruba	31	147	178	17%	83%
55	América	Bahamas	37	161	198	19%	81%
56	América	Barbados	121	565	686	18%	82%
57	América	Belize	1	8	9	11%	89%
58	América	Bermudas	18	175	193	9%	91%
59	América	Bolívia	1.194	3.766	4.960	24%	76%
60	América	Brasil	4.390	20.683	25.073	18%	82%
61	América	Canadá	496	5.286	5.782	9%	91%
62	América	Chile	849	6.206	7.055	12%	88%
63	América	Colômbia	2.289	10.447	12.736	18%	82%
64	América	Costa Rica	1.473	4.591	6.064	24%	76%
65	América	Cuba	678	2.775	3.453	20%	80%
66	América	Dominica	7	25	32	22%	78%
67	América	El Salvador	159	880	1.039	15%	85%
68	América	Equador	1.279	3.930	5.209	25%	75%
69	América	Estados Unidos	2.049	22.286	24.335	8%	92%
70	América	Granada	3	18	21	14%	86%
71	América	Guatemala	145	594	739	20%	80%
72	América	Guiana	66	208	274	24%	76%
73	América	Haiti	53	198	251	21%	79%
74	América	Honduras	227	1.045	1.272	18%	82%
75	América	Ilhas Cayman	9	44	53	17%	83%
76	América	Ilhas Virgens Americanas	19	54	73	26%	74%
77	América	Ilhas Virgens Britânicas	4	6	10	40%	60%
78	América	Jamaica	172	811	983	17%	83%
79	América	México	2.236	11.375	13.611	16%	84%
80	América	Nicarágua	214	1.021	1.235	17%	83%

81	América	Panamá	489	2.192	2.681	18%	82%
82	América	Paraguai	289	1.401	1.690	17%	83%
83	América	Perú	2.447	9.974	12.421	20%	80%
84	América	Porto Rico	164	1.080	1.244	13%	87%
85	América	República Dominicana	339	2.985	3.324	10%	90%
86	América	Santa Lúcia	16	50	66	24%	76%
87	América	São Cristóvão e Neves	1	11	12	8%	92%
88	América	São Vicente e Granadinas	4	17	21	19%	81%
89	América	Suriname	142	482	624	23%	77%
90	América	Trindade e Tobago	242	989	1.231	20%	80%
91	América	Uruguai	212	2.045	2.257	9%	91%
92	América	Venezuela	1.954	8.807	10.761	18%	82%
93	Ásia	Afganistão	15	399	414	4%	96%
94	Ásia	Arábia Saudita	445	2.980	3.425	13%	87%
95	Ásia	Armênia	361	1.954	2.315	16%	84%
96	Ásia	Azerbaijão	1.535	5.537	7.072	22%	78%
97	Ásia	Bahrein	132	645	777	17%	83%
98	Ásia	Bangladesh	796	8.184	8.980	9%	91%
99	Ásia	Brunei	17	350	367	5%	95%
100	Ásia	Butão	31	100	131	24%	76%
101	Ásia	Cambodja	1	19	20	5%	95%
102	Ásia	Catar	39	145	184	21%	79%
103	Ásia	Cazaquistão	2.217	10.954	13.171	17%	83%
104	Ásia	China	1.335	3.557	4.892	27%	73%
105	Ásia	Coreia do Sul	490	1.820	2.310	21%	79%
106	Ásia	Emirados Árabes Unidos	1.044	2.095	3.139	33%	67%
107	Ásia	Filipinas	1.776	9.026	10.802	16%	84%
108	Ásia	Hong Kong	176	1.404	1.580	11%	89%
109	Ásia	Iêmen	73	569	642	11%	89%
110	Ásia	Índia	21.615	107.563	129.178	17%	83%
111	Ásia	Indonésia	554	2.667	3.221	17%	83%
112	Ásia	Irã	8.002	52.012	60.014	13%	87%
113	Ásia	Iraque	293	3.174	3.467	8%	92%
114	Ásia	Israel	471	6.927	7.398	6%	94%
115	Ásia	Japão	71	522	593	12%	88%
116	Ásia	Jordânia	393	2.413	2.806	14%	86%
117	Ásia	Kuwait	102	697	799	13%	87%
118	Ásia	Laos	54	115	169	32%	68%
119	Ásia	Líbano	221	2.077	2.298	10%	90%
120	Ásia	Macau	18	68	86	21%	79%

121	Ásia	Malásia	3.974	10.994	14.968	27%	73%
122	Ásia	Maldivas	134	437	571	23%	77%
123	Ásia	Mongólia	999	1.594	2.593	39%	61%
124	Ásia	Myanmar	343	1.941	2.284	15%	85%
125	Ásia	Nepal	435	4.253	4.688	9%	91%
126	Ásia	Omã	426	2.096	2.522	17%	83%
127	Ásia	Palestina	385	1.972	2.357	16%	84%
128	Ásia	Paquistão	287	2.534	2.821	10%	90%
129	Ásia	Quirguistão	896	3.768	4.664	19%	81%
130	Ásia	Rússia	21.843	95.730	117.573	19%	81%
131	Ásia	Singapura	980	4.380	5.360	18%	82%
132	Ásia	Síria	190	1.257	1.447	13%	87%
133	Ásia	Sri Lanka	6.978	13.527	20.505	34%	66%
134	Ásia	Tailândia	389	1.556	1.945	20%	80%
135	Ásia	Taipé Chinesa	114	396	510	22%	78%
136	Ásia	Tajiquistão	106	244	350	30%	70%
137	Ásia	Timor-Leste	125	469	594	21%	79%
138	Ásia	Turcomenistão	293	865	1.158	25%	75%
139	Ásia	Turquia	9.863	39.240	49.103	20%	80%
140	Ásia	Uzbequistão	627	2.509	3.136	20%	80%
141	Ásia	Vietnã	1.618	4.101	5.719	28%	72%
142	Europa	Albânia	114	820	934	12%	88%
143	Europa	Alemanha	3.942	42.384	46.326	9%	91%
144	Europa	Andorra	22	149	171	13%	87%
145	Europa	Áustria	700	8.510	9.210	8%	92%
146	Europa	Belarus	491	2.574	3.065	16%	84%
147	Europa	Bélgica	636	7.886	8.522	7%	93%
148	Europa	Bósnia e Herzegovina	317	3.384	3.701	9%	91%
149	Europa	Bulgária	922	4.885	5.807	16%	84%
150	Europa	Chipre	122	1.160	1.282	10%	90%
151	Europa	Croácia	1.763	9.841	11.604	15%	85%
152	Europa	Dinamarca	247	7.601	7.848	3%	97%
153	Europa	Escócia	106	1.306	1.412	8%	92%
154	Europa	Eslováquia	1.001	8.230	9.231	11%	89%
155	Europa	Eslovênia	881	5.825	6.706	13%	87%
156	Europa	Espanha	7.025	62.316	69.341	10%	90%
157	Europa	Estônia	452	2.090	2.542	18%	82%
158	Europa	Finlândia	120	1.981	2.101	6%	94%
159	Europa	França	13.821	78.920	92.741	15%	85%
160	Europa	Geórgia	1.053	3.242	4.295	25%	75%
161	Europa	Grécia	5.353	22.163	27.516	19%	81%
162	Europa	Guernsey	3	39	42	7%	93%

163	Europa	Holanda	566	9.412	9.978	6%	94%
164	Europa	Hungria	1.668	10.744	12.412	13%	87%
165	Europa	Ilha de Man	0	21	21	0%	100%
166	Europa	Ilhas Faroé	8	506	514	2%	98%
167	Europa	Inglaterra	1.205	12.112	13.317	9%	91%
168	Europa	Irlanda	134	2.590	2.724	5%	95%
169	Europa	Islândia	249	2.667	2.916	9%	91%
170	Europa	Itália	3.798	28.091	31.889	12%	88%
171	Europa	Jersey	41	182	223	18%	82%
172	Europa	Kosovo	42	816	858	5%	95%
173	Europa	Letônia	857	3.533	4.390	20%	80%
174	Europa	Liechtenstein	13	31	44	30%	70%
175	Europa	Lituânia	1.018	5.100	6.118	17%	83%
176	Europa	Luxemburgo	63	751	814	8%	92%
177	Europa	Macedônia do Norte	169	1.494	1.663	10%	90%
178	Europa	Malta	43	458	501	9%	91%
179	Europa	Moldávia	280	1.160	1.440	19%	81%
180	Europa	Mônaco	74	190	264	28%	72%
181	Europa	Montenegro	133	1.195	1.328	10%	90%
182	Europa	Noruega	486	7.806	8.292	6%	94%
183	Europa	País de Gales	84	703	787	11%	89%
184	Europa	Polônia	6.663	34.461	41.124	16%	84%
185	Europa	Portugal	971	6.877	7.848	12%	88%
186	Europa	República Tcheca	1.364	14.883	16.247	8%	92%
187	Europa	Romênia	2.381	10.158	12.539	19%	81%
188	Europa	San Marino	4	50	54	7%	93%
189	Europa	Sérvia	1.328	11.111	12.439	11%	89%
190	Europa	Suécia	573	7.606	8.179	7%	93%
191	Europa	Suíça	373	5.264	5.637	7%	93%
192	Europa	Ucrânia	2.427	15.454	17.881	14%	86%
193	Não se aplica	FIDE (sem federação nacional)	612	8.482	9.094	7%	93%
194	Oceania	Austrália	632	6.394	7.026	9%	91%
195	Oceania	Fiji	79	316	395	20%	80%
196	Oceania	Guam	74	319	393	19%	81%
197	Oceania	Ilhas Salomão	15	107	122	12%	88%
198	Oceania	Nauru	4	57	61	7%	93%
199	Oceania	Nova Zelândia	322	2.078	2.400	13%	87%
200	Oceania	Palau	81	186	267	30%	70%
201	Oceania	Papua-Nova Guiné	1	21	22	5%	95%
Total			198.453	1.112.982	1.311.435	15%	85%

Fonte: elaboração própria

Em diálogo com outros órgãos reguladores esportivos de expressão internacional, tal como é a Federação Internacional de Futebol Associado, foi possível identificar uma média semelhante de federações nacionais vinculadas, quer seja, de 211 países. Nela, 7.260 jogadores pertencem à Confederação de Futebol Africano, 9.018 à Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe, 11.777 à Confederação Sul-Americana de Futebol, 20.211 à Confederação Asiática de Futebol, 57.220 à União das Federações Europeias de Futebol e 1.270 à Confederação de Futebol da Oceania. No que tange ao gênero, há 106.756 jogadores homens, enquanto não consta registro para o número equivalente de atletas mulheres (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2023).

Já a Federação Internacional de Atletismo conta com 214 países filiados, sendo que o corpo de atletas se concentra em um número de 2.507 na África, 6.115 na América do Norte e Central, 791 na América do Sul, 3.931 na Ásia, 8.919 na Europa e 729 na Oceania. Em relação ao gênero, há registros de exatos 12.000 (52%) homens e 11.000 (48%) mulheres, totalizando 23.000 atletas (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ATLETISMO, 2023).

Por fim, dados da Federação Internacional de Triatlo, a qual é composta por 172 países associados, revelam que, entre seus atletas, 86 se distribuem na África, 524 na América, 251 na Ásia, 1.071 na Europa e 158 na Oceania. Sobre o gênero de triatletas, 1.245 (59%) são homens e 849 (41%) mulheres (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRIATLO, 2023).

A distribuição geográfica e generificada de membros das federações esportivas internacionais elencadas indicam semelhanças e diferenças entre o xadrez e as demais modalidades consideradas, as quais foram selecionadas por apresentarem endereços eletrônicos oficiais cujo banco de dados possibilitava delinear ambas as relações de localidade e de gênero das pessoas que a elas pertencem. O xadrez corrobora com todas elas em relação à concentração da maioria de federados(as) no continente da Europa. Entretanto, destoa mediante indicadores de gênero muito mais díspares em relação às outras práticas esportivas analisadas. Finalmente, é plausível apontar que a estrutura constatada no banco de dados da FIDE, principalmente relativa à incorporação de membros ativos e inativos e à distinção destes entre posições diversas para além daquela configurada por atletas, não foi passível de ser verificada em nenhum outro órgão

regulador considerado. Uma hipótese que se levanta é que isto pode ajudar a explicar o número expressivamente maior de pessoas federadas no xadrez em detrimento das demais modalidades consideradas. Uma segunda hipótese sobre esta discrepância se associa ao fato de algumas federações exporem apenas dados de profissionais, distinção esta não aplicada pelo xadrez. São estas, portanto, limitações nas confrontações feitas entre as presentes federações. Assim, enquanto que nas demais instituições analisadas não foi possível distinguir sobre as características de quem as representa para além do posto de atleta, atributos de sua atividade ou inatividade e categorização amadora ou profissional, na FIDE é possível contar com filtros de pesquisa excedentes aos dois nesta seção conjecturados. Para além, permite-se também ordená-los e classificá-los a partir de diferentes interfaces e cruzamentos. Assim, sugere-se que futuros estudos se aprofundem na intersecção das variáveis disponibilizadas por estes filtros neste que é um raro e fecundo banco de dados.

b) Posições pelos títulos: honorarias entre jogadores e treinadores de xadrez

As titulações, formas de conferência de distinção pela FIDE a jogadores e treinadores da modalidade, são distribuídas a quem é capaz de alcançar os requisitos necessários para as suas obtenções específicas, as quais seguem uma série de leis e minúcias cuja conquista é, via de regra, da alçada de poucas pessoas. Os títulos de jogadores foram inicialmente atribuídos pela FIDE em 1950, a qual só regulamentou as suas leis de concessão em 1957 e, desde lá, as atualiza periodicamente até os dias atuais (BILL, 2023). Já os títulos de treinadores são mais recentes, advindos da identificação de uma necessidade de formação e credenciamento desta categoria discutida na ocasião da Olimpíada de Xadrez de Istambul em 2000. Nela, o Comitê de Treinadores da FIDE foi formado para estabelecer orientações sobre estes desígnios até meados de 2009, a partir de quando criou a Comissão de Treinadores da FIDE que, por sua vez, licenciou e atribuiu tais títulos (GRIVAS *et al.*, 2013). Adiante é possível vislumbrar ambas as categorias destas titulações, bem como a sua distribuição entre os gêneros (Tabela 3):

Tabela 3 – Distribuição dos títulos oficiais da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) por tipo, quantidade, porcentagem e gênero

Tipo	Titulações	Quantidade		Total	Porcentagem	
		Mulheres	Homens		Mulheres	Homens
Jogadores	Grande Mestre	41	1.772	1.813	2%	98%
	Grande Mestre Feminina	326	0	326	100%	0%

Treina dores	Mestre Internacional	134	3.891	4.025	3%	97%
	Mestre Internacional Feminina	853	0	853	100%	0%
	Mestre FIDE	54	8.760	8.814	1%	99%
	Mestre FIDE Feminina	1.890	0	1.890	100%	0%
	Candidato a Mestre	22	2.346	2.368	1%	99%
	Candidato a Mestre Feminina	878	0	878	100%	0%
	Treinador(a) Sênior FIDE	8	232	240	3%	97%
	Treinador(a) FIDE	154	1.327	1.481	10%	90%
	Instrutor(a) FIDE	338	2.462	2.800	12%	88%
	Instrutor(a) Nacional	419	2.182	2.601	16%	84%
	Instrutor(a) de Desenvolvimento	387	1.269	1.656	23%	77%
	Títulos Totais de Treinadores	1.306	7.472	8.778	15%	85%

Fonte: elaboração própria

Pela ordem de mais alto grau de distinção entre jogadores, há 1.813 qualificações de Grande Mestre, sendo 41 (2%) mulheres e 1.772 (98%) homens. A sua representação análoga no naipe das mulheres, Grande Mestre Feminina, conta com 326 (100%) mulheres. Imediatamente inferior, o grau de Mestre Internacional possui um total de 4.025 pessoas que o conquistaram, sendo 134 (3%) mulheres e 3.891 (97%) homens. O seu correspondente para elas, Mestre Internacional Feminina, é composto por 853 (100%) mulheres. O próximo desígnio, Mestre FIDE, é próprio de 54 (1%) mulheres e 8.760 (99%) homens, totalizando uma somatória de 8.814 indivíduos. Sua expressão similar para mulheres, Mestre FIDE Feminina, dispõe de 1.890 (100%) mulheres. Por último, a qualificação de Candidato a Mestre distribuída entre 2.368 sujeitos, é característica de 22 (1%) mulheres e 2.346 (99%) homens. Seu grau compatível entre elas, Candidato a Mestre Feminina, é formado a partir de 878 (100%) mulheres.

São diversos os seus requisitos de obtenção, uma das formas é alcançar determinada posição e desempenho em um torneio, sendo este definido com base no resultado conquistado e na classificação média dos(as) adversários(as). Outro dos meios é satisfazer um número mínimo de partidas jogadas, atingir *performance* em mais de uma competição e/ou obter uma pontuação publicada ou provisória na listagem de *rating* ELO internacional (FIDE HANDBOOK, 2023).

Sumariamente, o título de Grande Mestre requer o alcance de 2.500 pontos de *rating* ELO e desempenho igual ou superior a 2.600 pontos em, pelo menos, três torneios. Enquanto isso, o título de Mestre Internacional exige a conquista de 2.400 pontos de *rating* ELO, além de desempenho igual ou superior a 2.450 pontos em, ao menos, três

eventos. Os títulos de Mestre FIDE e Candidato a Mestre são obtidos quando o jogador alcançar uma pontuação igual ou maior que, respectivamente, 2.300 e 2.200 pontos de *rating* ELO. De forma similar tem-se as titulações exclusivamente femininas. Para a obtenção do título de Grande Mestre Feminina é necessário alcançar 2.300 pontos de *rating* ELO e um desempenho de 2.400 pontos em, no mínimo, três competições. Já o título de Mestre Internacional Feminina demanda a alçada de 2.200 pontos de *rating* ELO e um desempenho de 2.250 pontos em não menos de três campeonatos. Para os títulos de Mestre FIDE Feminina e Candidata a Mestre Feminina, por fim, a mulher precisa atingir pontuação igual ou maior a, respectivamente, 2.100 e 2.000 pontos de *rating* ELO (FIDE HANDBOOK, 2023).

Vislumbrar o esporte não apenas como uma experiência de vida, mas também como uma possibilidade de trabalho, apesar de suas especificidades (CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017), torna-se algo mais palpável por meio do desígnio das titulações. Estas podem ser associadas ao acúmulo de um capital simbólico (BOURDIEU, 2004) que promove um grau de distinção em relação a outros(as) agentes no mesmo espaço, tais como jogadores(as), treinadores(as), entre outros cargos. Entretanto, a conversão dos lucros oriundos da obtenção de títulos esportivos deve ser verificada de acordo com cada subcampo de produção, bem como a partir das condições de homologia de dada prática. Como exemplo desta necessidade tem-se o estudo de Passero *et al.* (2020), o qual averiguou que mesmo o aumento na proporção de mulheres em cargos de comissão técnica e de arbitragem no futebol brasileiro não significou, por conseguinte, a melhoria nas condições de igualdade de gênero deste subespaço. Para elas, assim, persistiram desafios que versaram desde a inserção até a progressão de suas respectivas carreiras.

No tocante a treinadores, é possível afirmar que esta posição é desfrutada por 8.778 indivíduos, sendo 1.306 (15%) mulheres e 7.472 (85%) homens. Especificando-os, também em um sentido decrescente da hierarquia de prestígio, primeiramente está o grau de Treinador(a) Sênior FIDE, o qual é ocupado por 8 (3%) mulheres e 232 (97%) homens, totalizando um coletivo de 240 pessoas. Abaixo dele está o desígnio de Treinador(a) FIDE, exibido por 1.481 indivíduos, sendo 154 (10%) mulheres e 1.327 (90%) homens. Logo após, se encontra o título de Instrutor(a) FIDE, o qual é ostentado por 2.800 sujeitos, segmentados em 338 (12%) mulheres 2.462 e (88%) homens. Em seguida está a qualificação de Instrutor(a) Nacional, a qual é de conquista de 2.601 sujeitos, constituídos entre 419 (16%) mulheres e 2.182 (84%) homens. Remanescente a todos os anteriores,

enfim, tem-se a classificação de Instrutor(a) de Desenvolvimento, exibida por 387 (23%) mulheres e 1.269 (77%) homens, compondo 1.656 pessoas.

A posição de treinadores de xadrez da FIDE é avaliada por diversos atributos, tais como: a) pela pontuação no *ranking* mundial aferida pelo *rating* ELO; b) por conquistas próprias; c) por resultados gerais de alunos(as) em competições oficiais; d) pelos anos de experiência como treinador(a); e) pela nota obtida na prova aplicada pela Comissão de Treinadores da FIDE. Com base na pontuação obtida nestes cinco critérios, estabelecem-se as categorias ocupadas por treinadores (FIDE TRAINER'S COMMISSION, 2023).

A graduação de nível máximo é a de Treinador(a) Sênior FIDE, a qual tem a peculiaridade de ser concedida por mérito a treinadores de alto escalão atuantes no meio enxadrístico por mais de dez anos. Pelo reconhecimento de resultados, também é ofertada a campeonatos mundiais absolutos e femininos no ritmo pensado¹⁵ do xadrez. Decrescendo nesta hierarquia está o(a) Treinador(a) FIDE que, por sua vez, já deve ter tido atuação profissional como jogador(a) e ter alcançado mais de 2.200 pontos de *rating* ELO. É responsável pelo estudo avançado do xadrez, com o objetivo de obter normas e títulos em campeonatos de nível internacional. Em seguida está o(a) Instrutor(a) FIDE, nível que deve possuir entre 1.701 e 2.200 pontos de *rating* ELO e ser capaz de treinar jogadores de até 2.000 pontos em todas as fases do jogo: abertura, meio-jogo e final. Também deve compreender as necessidades específicas de cada aluno(a), provendo a eles(as) auxílio na disputa de torneios internacionais. Logo após está o(a) Instrutor(a) Nacional, cujo alcance requer de 1.201 a 1.700 pontos de *rating* ELO, bem como atuação como professor(a) com classificação de alunos(as) entre as dez melhores colocações em campeonatos de nível nacional ou internacional. Por fim está o(a) Instrutor(a) de Desenvolvimento cuja principal responsabilidade é ensinar os movimentos das peças e possibilitar os primeiros contatos com o xadrez de rendimento, compartilhando o amor e o respeito pela prática (GRIVAS *et al.*, 2013; FIDE TRAINER'S COMMISSION, 2023).

A categoria de treinadores demonstra uma aparente maior equidade na distribuição de títulos entre homens e mulheres, mesmo que com tênue acréscimo da presença feminina. Entretanto, é importante notar que esta é uma posição considerada secundária em relação àquelas ocupadas por jogadores no subcampo enxadrístico, os quais compreendem o processo de ensino-aprendizagem da prática muito mais como um

¹⁵ Tempo clássico de reflexão igual ou maior do que 60 minutos em uma partida (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2023).

complemento financeiro do que, de fato, um ofício (JANUÁRIO, 2017). Um adendo importante também se faz em relação ao aumento da proporção de mulheres à medida em que estas titulações decrescem, o que torna possível afirmar que elas fazem parte, em sua maioria, apenas da base deste sistema.

Os números expressivos da participação de homens em todos os continentes e países, para além das titulações de jogadores e treinadores, caracterizam que as mulheres estão à sombra do masculino (STEMPIÉN, 2020). Com isto, percebe-se que o subcampo esportivo do xadrez se assemelha a outros subespaços do campo social do esporte no que tange às dificuldades de inserção e manutenção da mulher na prática, sendo necessário investigar como aumentar não só o número de praticantes mulheres neste esporte, equilibrando a sua distribuição geográfica e titulatória em todas as localidades, mas também garantir que este ambiente seja seguro e promissor para o desenvolvimento e engajamento, sobretudo porém não só, deste gênero.

Considerações Finais

As relações entre gênero com a distribuição geográfica e titulatória de membros da federação que rege internacionalmente o xadrez expressaram uma tônica em comum. Trata-se da dominação masculina, a qual se estende por absolutamente todos os países de cada continente e irrestritamente em cada um dos títulos possíveis de serem outorgados a jogadores(as) e treinadores(as) desta modalidade. Sólida regularidade, em todos os casos e números confrontados por este estudo não houve sequer uma abertura, porventura uma só exceção.

O campo de lutas travado pela produção literária da modalidade parece apontar para perspectivas diferentes entre si, oscilando ora por explicações biológicas, cognitivas e essencialistas para este fenômeno, ora por reflexões de cunho mais cultural e social. Há de se destacar que as publicações que rejeitam a influência de aspectos socioculturais no fenômeno da dominação masculina no xadrez são as mesmas que utilizam apenas tratamentos quantitativos e, neles inclusos, estatísticos (BLANCH; ALUJA; CORDANÓ, 2015; HOWARD, 2005, 2013, 2014). Se valendo da força destes mesmos números, não obstante, outros estudos têm refutado este argumento, evidenciando a prevalência de fatores que em muito se distanciam de uma base inatista (BILALIC' *et al.*, 2009; CHABRIS; GLICKMAN, 2006; STAFFORD, 2018). De forma complementar, recentes escritos têm reforçado esta última corrente ao visibilizarem aspectos como estereótipos e índices de igualdade de gênero, os quais constituem uma promissora via de investigação

a ser explorada (DILMAGHANI, 2021; MASS; D'ETTOLE; DADINU, 2008; SMERDON, 2019; VISHKIN, 2022).

Considerando que “[...] de tudo o que aparenta natural, o talento no esporte, na realidade, se faz, mostra e constrói cultural” (MARQUES; JANUÁRIO, 2018, p. 20), é de suma importância que os esforços se voltem para visibilizar, para além dos já fatigados algarismos, as pessoas e os processos sócio-históricos que se encontram por trás das sessenta e quatro casas do tabuleiro. Nesta direção, vão ao encontro pesquisas que se dedicam às histórias de vidas de enxadristas (JANUÁRIO 2014; 2017; SHAHADE, 2022), as quais são passíveis de contemplar trajetórias esportivas imbricadas na completude dos aspectos socioculturais que as conformam, bem como àquelas de caráter histórico-social, que buscam analisar processos e narrativas estruturantes da desigualdade entre homens e mulheres no xadrez (STEMPIEŃ, 2020). Afinal, não é de se ignorar que esta até pode ser quantificada em números, mas se dá a partir de uma relação dialética entre as pessoas e a realidade sócio-histórico-cultural.

Em síntese, este estudo não se esgota na pesquisa de dados que cotejam a distribuição geográfica e de titulações honoríficas entre homens e mulheres, mas constitui subsídio para novas e futuras pesquisas que interseccionem estes e outros grandes eixos relacionados à desigualdade social no esporte de maneira geral, tais como são a classe, raça e gênero (ADELMAN, 2007).

Referências

ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11–29, 2007.

BACKUS, P. *et al.* Gender, competition, and performance: evidence from chess players. **Quantitative Economics**, New Haven, v. 14, p. 349-380, 2023.

BILALIĆ, M. *et al.* Why are (the best) women so good at chess? Participation rates and gender differences in intellectual domains. **Proceedings of the Royal Society B**, Londres, v. 276, p. 1161-1165, 2009.

BILL, W. FIDE History. **Web Archive**, 2023. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20091028083110/http://www.geocities.com/SiliconValley/Lab/7378/fide.htm>>. Acesso em: 11 out. 2023.

BLANCH, A., ALUJA, A.; CORDANÓ, M. P. Sex differences in chess performance: Analyzing participation rates, age, and practice in chess tournaments. **Personality and Individual Differences**, Ontário, v. 86, p. 117-121, 2015.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 291 p.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012. 160 p.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017.

CHABRIS, C. F.; GLICKMAN, M. E. Sex differences in intellectual performance. **Psychological Science**, Washington D. C., v. 17, p. 1040-1046, 2006.

DI FELICE, G. **Chess International Titleholders 1950-2016**. Jefferson: McFarland & Company, 2018. 376 p.

DILMAGHANI, M. The gender gap in competitive chess across countries: commanding queens in command economies. **Journal of Comparative Economics**, Pittsburgh, v. 49, p. 425-441, 2021.

ELO, A. E. **The rating of chess players, past and present**. New York: Arco Publishing, 1978. 232 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ATLETISMO. Disponível em: <<https://worldathletics.org/world-rankings/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO. Disponível em: <<https://landscape.fifa.com/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRIATLO. Disponível em: <<https://www.triathlon.org/rankings>>. Acesso em: 13 out. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com/>>. Acesso em: 25 set. 2023.

FIDE HANDBOOK. Disponível em: <<https://handbook.fide.com/chapter/B012023>>. Acesso em: 10 out. 2023.

FIDE TRAINER'S COMMISSION. Disponível em: <<https://trg.fide.com/trg-online-seminars/>>. Acesso em: 11 de out. de 2023.

GRIVAS, E. *et al.* **FIDE Trainer's Commission Syllabus**. Greece: Apollon, 2013. 96 p.

HIRATA, H., LABORIE, F., LE DOARÉ, H., SENOTIER, D. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOWARD, R. W. Are gender differences in high achievement disappearing? A test in one intellectual domain. **Journal of Biosocial Science**, Cambridge, v. 37, p. 371-380, 2005.

_____. Explaining male predominance at the apex of intellectual achievement. **Personality and Individual Differences**, Ontário, v. 68, p. 217-220, 2014.

_____. Gender differences in intellectual achievement persist at the limits of individual capabilities. **Journal of Biosocial Science**, Cambridge, v. 46, p. 386-404, 2013.

JANUÁRIO, J. **Trajatória esportiva de grandes mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez**. 2014. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

JANUÁRIO, J. **A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**. 2017. 572 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

JANUÁRIO, J. A.; MARQUES, R. F. R. O modelo de concepção das formas de manifestação do xadrez contemporâneo. In: **I Congresso Nacional de Xadrez Pedagógico e Social**. Rio de Janeiro, 2016.

MAASS, A.; D'ETTOLE, C.; CADINU, M. Checkmate? The role of gender stereotypes in the ultimate intellectual sport. **European Journal of Social Psychology**, Maastricht, p. 38, 231-245, 2008.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, Santiago, v. 1, p. 147-185, 2015.

MARQUES, R. F. R.; JANUÁRIO, J. A. O talento esportivo sob uma perspectiva sociológica: reflexão sobre a oferta de oportunidades de aprendizagem e a influência da herança cultural. **Revista de Ciencias Sociales**, Iquique, v. 27, n. 40, 2018.

PAES, R. R; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 176 p.

PASSERO, J. G. *et al.* Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. 1-18, 2020.

PEREZ, C.C. **Invisible Women: Exposing Data Bias in a World Designed for Men**. Londres: Vintage, 2019. 432 p.

SHAHADE, J. **Chess bitch: Women in the ultimate intellectual sport**. Los Angeles: Siles Press, 2005. 320 p.

_____. Chess queens: the true story of a chess champion and the greatest female players of all time. London: Hodder & Stoughton, 2022. 400 p.

SILVA, R. A.; MENEZES, J. A. A interseccionalidade na produção científica brasileira. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 15, n. 4, p. 1-16, 2020.

SMERDON, D. The best (and worst) countries to be a female chess player.

DavidSmerdon.com, 2019. Disponível em:

<<https://www.davidsmerdon.com/?p=2075>>. Acesso em: 04 out. 2023.

SMERDON, D. *et al.* Female chess players show typical stereotype-threat effects: commentary on Stafford (2018). **Psychological Science**, Washington D. C., v. 31, n. 6, p. 756-759, 2020.

SOUZA, J. **O xadrez em xeque**: uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. O processo de construção teórico-metodológica de um objeto de pesquisa em sociologia do esporte: o caso do xadrez. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 500-514, 2012a.

_____. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 557-570, 2012b.

_____. O “match do século” e a “história esportiva” do xadrez: uma interpretação sociológica. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 399-411, 2013a.

_____. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 567-581, 2013b.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JÚNIOR, W. O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez: uma análise sociológica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 93-113, 2011.

STAFFORD, T. Female chess players outperform expectations when playing men. **Psychological Science**, Washington D. C., v. 29, n. 3, p. 429-436, 2018.

STEMPIEN, J. R. Queens in the shadow of kings – sociological notes on the historical process of women’s discrimination and emancipation in chess. **Acta Universitatis Lodzianis Folia Sociologica**, Lodz, v. 75, p. 65-84, 2020.

VISHKIN, A. Queen’s gambit declined: the gender-equality paradox in chess participation across 160 Countries. **Psychological Science**, Washington D. C., v. 33, n. 2, p. 276-284, 2022.

Recebido em novembro de 2023.

Aprovado em março de 2024.